

## ALMA E VOZ PARA OS QUE ESTÃO À MARGEM

Vera Lúcia Cardoso Medeiros\*\*

*Por que publicar o que não presta? Porque o que presta também não presta. Além do mais, o que obviamente não presta sempre me interessou muito. Gosto de um modo carinhoso do inacabado, do malfeito, daquilo que desajeitadamente tenta um pequeno vôo e cai sem graça no chão.*

*(Clarice Lispector)*

O tema da marginalidade encontra interessantes desdobramentos na ficção produzida pela escritora brasileira Clarice Lispector. De maneira geral, todos os personagens criados pela autora ocupam posição marginal em relação ao sistema de pensamento e de comportamento dominante na sociedade brasileira no período a que se referem as narrativas. Joana, protagonista do romance de estréia da autora, **Perto do coração selvagem**; G.H., de **A paixão segundo G.H.**; Lóri, de **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**; Virgínia, de **O lustre**, além de diversas outras personagens encontradas nos contos e romances de Lispector, sentem-se estranhas nos ambientes em que vivem, experimentam sensações, emoções e têm idéias incomuns.

As personagens acima citadas, e um conjunto significativo de outros seres que ocupam as páginas da autora, pertencem à classe média brasileira do período que se estende dos anos 40 aos 70 do século passado, quando foram produzidos os textos dos quais estamos tratando. Há, entretanto, na ficção de Lispector, representantes das classes sociais mais baixas. O exemplo mais conhecido é o de Macabéa, pobre, franzina e solitária nordestina que sobrevive nas ruas do Rio de Janeiro em **A hora da estrela**. Outra excluída

---

\* Doutoranda em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professora de Literatura Brasileira na Faculdade Porto-Alegrense (FAPA).

social é Janair, cuja importância está no fato de ter abandonado a casa de G.H, levando esta a entrar no quarto da empregada e em mundo radicalmente distinto daquele a que estava habituada.

No trabalho que aqui será desenvolvido, pretende-se mostrar que, além das duas representantes das classes menos favorecidas da sociedade brasileira antes referidas, há, na ficção de Lispector, muitas personagens que circulam fora das esferas do poder político, econômico e social. E elas desempenham, nas narrativas, importante papel: são o 'outro' a partir do qual se constrói a identidade e a subjetividade de indivíduos em constante indagação.

A construção do sujeito, na obra de Clarice Lispector, ocorre frequentemente através do confronto ou do contato com um 'outro' diferente, estranho, marginal, em última instância. Muitos são os contos em que tipos situados fora dos círculos dominados pelo macho adulto branco e integrante da sociedade de consumo servem de espelho para que o indivíduo às voltas com sua identidade e suas indagações existenciais descubra-se. É o caso daqueles textos em que crianças, empregadas domésticas, velhos, animais - alguns excessivamente domésticos, pouco complexos ou inofensivos como cães, galinhas e insetos - representam fundamental contraponto ao protagonista da narrativa.

Em determinados textos, como **A hora da estrela**, a condição de indivíduo situado à margem das estruturas sociais de poder é evidente, isto é, não se trata de representação ou metáfora da condição marginal, como ocorre com a barata ou o quarto da empregada, em **A paixão segundo G.H.**, ou quando a travessa Sofia expõe as fragilidades do mestre, no conto "Os desastres de Sofia". Contrariamente, a personagem Macabéa é construída a partir de dados que objetivamente revelam sua condição social de nordestina e pobre.

Nosso objetivo aqui é destacar as personagens que integram grupos marginalizados na sociedade brasileira. Serão analisados dois contos e uma crônica: "Amor", do livro **Laços de família** (1960); "A bela e a fera ou a ferida grande demais", escrito em 1977 e que dá título à coletânea onde se encontra; e o texto "Mineirinho", publicado na primeira edição do livro de contos **A legião estrangeira**, datada de 1964.

Em "A bela e a fera" e "Amor", a estrutura narrativa é semelhante: um mendigo sem perna e um cego mascando chiclete, respectivamente, desencadeiam em Carla e Ana a percepção da vida que elas realmente vivem. A atuação dos marginalizados, nos dois contos, restringe-se ao fato de eles serem, de modo repentino e inexplicável, percebidos pelas mulheres que circulam pelo ambiente urbano, ou seja, eles pouco agem, sobretudo no conto "Amor"; a função que desempenham está associada à desestabilização que causam nas duas mulheres. O que o cego e o mendigo provocam é aquele choque mencionado por Walter Benjamin ao tratar da obra de Baudelaire<sup>1</sup>, choque esse que nasce de uma ameaça ao consciente. Vemos aí, então, a representação do contato entre os excluídos e as pessoas 'de bem' no espaço público da cidade brasileira. No caso dos contos, é um contato que choca e que provoca, nos integrantes dos grupos dominantes, aguda consciência de sua condição.

Antes de prosseguir no exame dos contos, é oportuno destacar que raramente a crítica literária identificou na ficção de Lispector uma possibilidade de interpretação da sociedade brasileira, sobretudo a crítica contemporânea ao período de produção e publicação das obras. Pode-se especular que uma das razões desse silêncio está no fato de que o efeito causado pelo confronto entre grupos sociais distintos, como acima mencionado, é percebido em relação aos indivíduos, não se tratando de repercussão social e

---

<sup>1</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: \_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

coletiva. Quando Carla e Ana percebem a existência do mendigo sem perna ou do cego mascando chiclete, a revolução causada por essa percepção é absolutamente individual, subjetiva; não há, aparente e superficialmente, desdobramentos dessas vivências particulares no corpo da sociedade. Talvez tenha faltado a certas parcelas da crítica literária a capacidade de "captar o universal no mergulho em si mesmos", conforme lemos no ensaio "Lírica e sociedade", de Adorno<sup>2</sup>.

Voltando aos contos de Lispector, em "Amor", a imagem do cego mascando chicletes, captada pela pacata Ana enquanto ela dirigia-se para casa, fez seu coração bater violento e espaçado; o transtorno foi tão intenso que suas compras caíram do colo, quebrando-se os ovos. Após o incidente, Ana perde o ponto de descida e acaba entrando no Jardim Botânico. As experiências vividas pela personagem são descritas como crise que fez ruir a vida equilibrada e apaziguada que tivera até então. A imagem do cego torna-se recorrente enquanto ela passeia pelo Jardim e depois, já em casa, na companhia dos filhos e marido. Na percepção de Ana, é o cego quem a conduz ao Jardim Botânico, colocando-a em contato com um universo em que tudo era, ao mesmo tempo, suave, estranho, grande e cruel demais. A presença do cego é tão forte que, à noite, enquanto recorda o dia, Ana tem a impressão de que o homem parecia pender entre os frutos.

As revelações decorrentes da estada no Jardim Botânico e do encontro com o cego atingem a subjetividade da personagem, que constata: "seu coração se enchera com a pior vontade de viver". Tal repercussão, contudo, extrapola o âmbito individual, e Ana especula sobre seu lugar no mundo, assim como o do cego:

Já não sabia se estava do lado do cego ou das espessas plantas. O  
homem pouco a pouco se

---

<sup>2</sup> ADORNO, Theodor. Lírica e sociedade. In: *Horkheimer, Adorno, Habermas*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Col. Os pensadores.

distanciara e em tortura ela parecia ter passado para o lado dos que lhe haviam ferido os olhos. O Jardim Botânico, tranqüilo e alto, lhe revelava. Com horror descobria que pertencia à parte forte do mundo - e que nome deveria dar à sua misericórdia violenta? Seria obrigada a beijar o leproso, pois nunca seria apenas sua irmã. Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada.<sup>3</sup>

Ana percebe-se integrante da parte forte do mundo, responsável pela ferida nos olhos do cego. Mais uma vez, o cego é o 'outro', aparentemente dominado e ferido, diante dos que são aparentemente fortes. Forte e fraco aqui são qualidades, ou posições sociais, relativizadas. Se Ana integra a parte forte do mundo, como pôde assombrar-se tanto diante do fraco? Seguindo a lógica da inclusão identificada por Lucia Helena no estudo que faz da obra de Clarice<sup>4</sup>, não há o forte distinto do fraco; o fraco é forte, o forte é fraco. Ainda de acordo com essa lógica, podemos entender que Ana, mais uma vez, acentua a função reveladora e paradoxal do cego ao responsabilizá-lo por levá-la ao pior de si mesma. Como, na ficção de Lispector, o mal, o feio, o sujo, o escuro são faces do humano que não podem nem devem ser sufocadas, o pior de Ana é também seu melhor.

Um aspecto ainda merece destaque na análise de "Amor". O conto é narrado em terceira pessoa, e o narrador assume o ponto de vista de Ana. A identificação entre o narrador e a personagem é total, e o discurso indireto livre é recorrente no texto. É através do narrador que acompanhamos a repercussão íntima do encontro de Ana com o cego e com uma vida diferente da sua. Ele descreve e avalia, como podemos perceber no seguinte fragmento, logo no início do conto:

<sup>3</sup> LISPECTOR, Clarice. Amor. In: \_\_\_\_\_. *Laços de família*. 17ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. P.29.

<sup>4</sup> HELENA, Lucia. *Nem musa, nem medusa. Itinerários da escrita em Clarice Lispector*. Niterói: EDUFF, 1997.

Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito.<sup>5</sup>

Em seguida, o narrador pergunta por que motivo havia o cego provocado tamanho estrago na vida de Ana. "Teria esquecido de que havia cegos?" Ao mesmo tempo que esse narrador tenta acompanhar o intenso movimento interno pelo qual passa a pacata dona de casa, ele revela a importância que a imagem do cego adquire para a mulher de vida organizada. Ainda que o predominante no conto seja a perspectiva do cego, do diferente, do deficiente, como o 'outro', sendo Ana, a dona de casa de vida arrumada, o foco por onde a história é contada, o narrador, em seus comentários e indagações, dá ao cego mascando goma o papel de elemento desestabilizador.

Evidente função desestabilizadora também encontramos no mendigo que, sem uma perna, circula pela Avenida Copacabana em "A bela e a fera ou a ferida grande demais", um dos últimos contos escritos por Clarice. O enredo é construído a partir do confronto entre uma integrante da tradicional sociedade carioca, personagem com nome e sobrenome, Carla de Sousa e Santos, e o mendigo, evidente representante dos grupos situados fora dos estreitos limites da sociedade urbana brasileira.

O narrador aqui é decisivo na representação da profunda hierarquização que marca nossa sociedade e registra, com ironia, os privilégios de Carla e seus semelhantes: ela

---

<sup>5</sup> LISPECTOR, Clarice. Amor. p. 23.

"Vivia nas manadas de mulheres e homens que, sim, que simplesmente 'podiam'. Podiam o quê? Ora, simplesmente podiam"<sup>6</sup>.

Em outro trecho, ao comentar o encontro de Carla com o mendigo que a aborda na saída do cabeleireiro, novamente o narrador expressa seu julgamento sobre a mulher:

Estava exposta àquele homem. Estava completamente exposta. Se tivesse marcado com "seu" José na saída da Avenida Atlântica, o hotel onde ficava o cabeleireiro não permitiria que "essa gente" se aproximasse. Mas na Avenida Copacabana tudo era possível: pessoas de toda a espécie. Pelo menos de espécie diferente da dela. "Da dela"? Que espécie de ela era para ser 'da dela'?<sup>7</sup>

Nesse conto, como em "Amor", a narrativa desenvolve-se em terceira pessoa, predominando o ponto de vista de Carla. Mas o narrador não deixa de julgar a personagem. No trecho anteriormente citado, esse julgamento se dá inclusive através do emprego de aspas, destacando expressões como *essa gente* e *da dela*, que marcam a diferença entre Carla e o mendigo.

Apesar de manifestar-se criticamente em relação a Carla e a seus semelhantes, o modo como o narrador dá voz ao mendigo não deixa dúvidas sobre o grande distanciamento que existe entre eles - narrador/Carla e o mendigo- e sobre a posição de excluído de um, o mendigo, e de incluído de outro, o narrador. Ao reproduzir o pensamento de Carla, o narrador utiliza o discurso indireto e o discurso indireto livre. Procedimento contrário é adotado para indicar o que pensa o mendigo. É através do discurso direto que tomamos conhecimento da voz do mendigo. Não se estabelece coincidência entre o narrador e o personagem, conforme revela o trecho a seguir:

---

<sup>6</sup> LISPECTOR, Clarice. A bela e a fera ou a ferida grande demais. In: \_\_\_\_\_. *A bela e a fera ou a ferida grande demais*. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. p. 134.

<sup>7</sup> LISPECTOR, Clarice. A bela e a fera ou a ferida grande demais. In: \_\_\_\_\_. *A bela e a fera ou a ferida grande demais*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. p. 135.

Pensamento do mendigo: "essa dona de cara pintada com estrelinhas douradas na testa, ou não me dá ou me dá muito pouco". Ocorreu-lhe então, um pouco cansado: "ou dará quase nada."<sup>8</sup>

O fato de o narrador assinalar de forma explícita o lugar do mendigo não impede que Carla, como ocorreu com Ana, tome consciência da hipocrisia e mediocridade que marcam sua vida através desse 'outro', indivíduo marginalizado que se torna seu companheiro e parte integrante de sua vida para sempre. A mulher chega mesmo a identificar-se com o homem sem a perna:

- Como é que eu nunca descobri que sou também uma mendiga? Nunca pedi esmola mas mendigo o amor de meu marido que tem duas amantes, mendigo pelo amor de Deus que me achem bonita, alegre e aceitável, e minha roupa de alma está maltrapilha... "Há coisas que nos igualam", pensou procurando desesperadamente outro ponto de igualdade. Veio de repente a resposta: eram iguais porque haviam nascido e ambos morreriam. Eram, pois, irmãos.<sup>9</sup>

A igualdade entre Carla e o mendigo reside na condição humana de ambos. É interessante notar como a distância estabelecida pelo narrador ao dar voz ao pedinte ganha uma face reversa - mais uma vez a lógica da inclusão! - no momento em que é afirmada sua condição humana, que precisa ser resgatada, como também a de Carla.

Essa igualdade entre os humanos faz-se presente também em "Mineirinho", crônica que confere humanidade a um bandido, espécie de marginalizado que, ao contrário do cego ou do mendigo, dificilmente desperta compreensão ou pena por parte da sociedade. O texto registra as impressões que tiveram a narradora e sua cozinheira sobre o extermínio de um popular assaltante da cidade do Rio de Janeiro. A captura e morte do ladrão, em decorrência de treze

---

<sup>8</sup> LISPECTOR, Clarice. A bela e a fera ou a ferida grande demais. In: \_\_\_\_\_. *A bela e a fera ou a ferida grande demais*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. p. 136.

<sup>9</sup> LISPECTOR, Clarice. A bela e a fera ou a ferida grande demais. p. 143.



tiros, ocorrida no ano de 1962, desencadeou longa reflexão que leva a narradora a inocentar o criminoso.

Interessa, neste estudo, destacar a forma com que Mineirinho, o bandido, foi tratado pela narradora, que se percebe "como um dos representantes de nós" e aceita a missão de "procurar por que está doendo a morte de um facínora". A busca da narradora começa quando indaga para sua cozinheira o que pensava sobre o assunto. A reação da cozinheira acentua o papel da narradora ao longo do texto: porta-voz daqueles que não entendem sentimentos contraditórios.

Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las.<sup>10</sup>

Em sua posição de intérprete, a narradora reconhece, nos dois primeiros tiros contra o bandido, um alívio de segurança. Mas os excessos que geram a imagem do homem inerte no chão, sem gorro e sem sapatos, levam a narradora a concluir: "O décimo-terceiro tiro me assassina - porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro."

O desejo de ser o 'outro' pode ser entendido como o esforço de a narradora dar voz a um tipo social dificilmente ouvido e respeitado, mas também revela aquilo que permite identificá-la ao marginal. É a violência, o mal, o escuro, encontrados no bandido e também em nós, o que leva à compreensão de suas atitudes, e não o contrário, que seria buscar no bandido traços que lhe permitissem novamente privar do convívio com os demais integrantes da sociedade, a gente de bem. A inversão aplica-se igualmente aos que deveriam fazer justiça, os quais, ao cometerem o cruel extermínio, tornam-se bandidos mais injustificáveis do que o próprio assaltante.

Podemos retomar aqui o que já se disse sobre "A bela e a fera ou a ferida grande demais". O que permitiu à personagem Carla identificar-se ao mendigo da Avenida Copacabana foi o fato

---

<sup>10</sup> LISPECTOR, Clarice. Mineirinho. In: \_\_\_\_\_. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1964.p. 253.

de ambos nascerem e morrerem, circunstância que iguala todos os seres vivos. Na crônica que analisamos, a narradora, como os demais de sua classe, têm uma face escura e lodosa como a do bandido Mineirinho.

Para que o lodo não predomine, seria preciso "a mão de outro homem", conforme lemos na crônica. Vemos nessa imagem a menção à solidariedade entre os indivíduos, a defesa da inclusão de todos no corpo social. O cego, o mendigo, o bandido, a cozinheira, Ana, Carla, a narradora são as múltiplas faces do humano. Ainda que alguns integrem a parte forte ou poderosa do mundo, como Ana e Carla, respectivamente, enquanto outros permaneçam à margem, porque são cegos, mutilados, pobres, do confronto entre esses dois grupos surgem importantes iluminações que, nos casos aqui examinados, levam o forte e poderoso a ver-se como aquele considerado frágil, precário e perigoso.

Os sujeitos marginalizados desempenham, nos três textos de Clarice Lispector aqui tratados, a função de desestabilizar certezas e vidas. A presença desses indivíduos tão temidos no cenário da classe média brasileira é percebida de modo ambíguo pelo próprio narrador que, embora expresse o ponto de vista dos protagonistas acerca dos mendigos e cegos que revelam suas verdades e indague sobre a função desses seres diferentes, não consegue romper distâncias e superar diferenças. A identificação com o marginalizado parece mais sólida na crônica "Mineirinho", texto em primeira pessoa que naturalmente se presta à aproximação do narrador com o narrado. Em "Amor" e "A bela e a fera ou a ferida grande demais", a intermediação do narrador é reveladora das dificuldades que ainda hoje tem a literatura brasileira em representar o 'outro', sobretudo o pobre, o mutilado, que, ao expor as suas feridas, expõe as chagas da nossa própria sociedade.

É difícil legitimar os discursos do cego, do mendigo ou do bandido. Mais difícil ainda é atribuir a esses sujeitos uma linguagem rica e elaborada como a de Clarice Lispector. Aí talvez esteja outra estratégia de inclusão adotada pela escritora: construir metáforas, imagens e uma dicção capazes de conferir artisticamente voz e identidade àqueles que se situam às margens em função dos mecanismos excludentes que regem o funcionamento da sociedade brasileira.